O TERRITÓRIO CONTA SUA HISTÓRIA: MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE NO QUILOMBO PAU FERRADO, LAGOA DOS GATOS – PE

Zilma Josefa da Silva Cavalcante [1]

RESUMO

Este artigo analisa como memórias, narrativas e saberes vinculados à Comunidade Quilombola do Pau Ferrado, localizada no município de Lagoa dos Gatos, Pernambuco, contribuem para a construção de sua História Local. A investigação, de abordagem qualitativa, articula pesquisa bibliográfica e documental, fundamentando-se nas contribuições de Ecléa Bosi, Alessandro Portelli, Beatriz Nascimento, Antônio Bispo dos Santos, Conceição Evaristo e Nilma Lino Gomes. O corpus documental reúne certidões da Fundação Cultural Palmares e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), além das narrativas de moradores registradas na dissertação de Maria Iveni de Lima Silva (2020), sem realização de novas entrevistas. A análise foi organizada em dois eixos, contemplando a memória e a formação histórica da comunidade, bem como a oralidade nos processos de produção e transmissão de conhecimentos. Os resultados indicam que a reconstrução da trajetória comunitária mobilizou memórias familiares, experiências antes silenciadas e saberes compartilhados entre gerações. Esses dados mostram que a identidade quilombola antecede o reconhecimento institucional. As práticas culturais funcionam como referências de pertencimento ao território. Essas experiências também evidenciam a importância da transmissão intergeracional para a continuidade da memória coletiva. Conclui-se que os moradores do Pau Ferrado não são apenas fontes de informação, mas sujeitos que interpretam suas experiências e participam da produção da própria história.

Palavras-chave: História Local, Memória Quilombola, Oralidade, Território, Ancestralidade.

INTRODUÇÃO

A história das comunidades quilombolas brasileiras foi, durante muito tempo, narrada a partir de perspectivas externas aos próprios territórios, enquanto suas memórias, práticas culturais e conhecimentos permaneceram pouco reconhecidos na produção historiográfica. Essa invisibilização não significa ausência de história, mas revela os limites de uma tradição que frequentemente atribuiu às populações negras a condição de objetos de investigação. Nesse contexto, a História Local possibilita deslocar o olhar para as experiências dos sujeitos, reconhecendo outras fontes e formas de interpretar o passado.

[1] Mestranda do ProfHistória da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, zylmacavalcante@gmail.com

É nessa perspectiva que se insere o presente estudo, voltado à Comunidade Quilombola do Pau Ferrado, situada na zona rural de Lagoa dos Gatos, no Agreste pernambucano. Certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2005, a comunidade possui uma trajetória construída nas relações familiares, nas práticas de trabalho, nas manifestações culturais e nos vínculos com o território. Parte significativa dessa história permanece nas lembranças das pessoas mais velhas, nas narrativas familiares e nos conhecimentos transmitidos entre gerações, constituindo referências fundamentais para a compreensão da identidade quilombola.

A memória, nesse contexto, ultrapassa a recuperação de acontecimentos, pois envolve interpretações, silêncios e sentidos atribuídos às experiências vividas. Por meio da oralidade, os moradores compartilham conhecimentos relacionados ao cultivo da terra, às práticas de cuidado e às manifestações culturais, preservando referências ancestrais. Essas experiências permitem reconhecer o território não apenas como espaço de pertencimento, mas como lugar de produção de conhecimentos e construção histórica.

Investigar essa trajetória implica considerar o lugar ocupado por quem pesquisa. O estudo nasce das inquietações de uma pesquisadora quilombola, cuja relação com o Pau Ferrado antecede sua inserção na investigação acadêmica. Esse pertencimento participa da formulação das questões e das possibilidades de interpretação, sem substituir o rigor necessário à produção do conhecimento histórico. Trata-se de reconhecer os sujeitos da comunidade como participantes da construção de sua própria história, ultrapassando perspectivas que tradicionalmente os situaram apenas como objetos de estudo.

Diante dessas reflexões, a investigação orienta-se pela seguinte questão. De que maneira as memórias, as narrativas orais e os saberes construídos na Comunidade Quilombola do Pau Ferrado participam da formação de sua História Local? O artigo tem como objetivo compreender essa participação, considerando os processos de produção e transmissão de conhecimentos entre gerações. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, organizada em dois eixos interpretativos. O primeiro aborda a memória e a formação histórica da comunidade; o segundo examina a oralidade como dimensão da produção e transmissão de conhecimentos.

METODOLOGIA

A investigação adotou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, com o propósito de compreender como as memórias, as narrativas orais e os saberes comunitários participam da formação da História Local do Pau Ferrado. Conforme

Minayo (2014), essa abordagem possibilita interpretar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às experiências sociais. O levantamento bibliográfico reuniu estudos sobre memória, oralidade, território, ancestralidade e produção de conhecimentos quilombolas.

A pesquisa documental contemplou a Certidão de Autorreconhecimento emitida pela Fundação Cultural Palmares em 2005, a Certidão nº 12/2013 do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a dissertação de Maria Iveni de Lima Silva (2020), que reúne narrativas de moradores sobre a trajetória comunitária. O cotejo dessas fontes permitiu examinar o reconhecimento institucional e os processos de construção da memória quilombola, distinguindo a certificação do procedimento de regularização territorial, ainda sem titulação concluída. Os depoimentos foram utilizados como registros previamente documentados, sem a realização de novas entrevistas.

O tratamento das fontes envolveu leitura, fichamento e organização temática, em diálogo com Bardin (2016) e Portelli (1997). A análise foi estruturada em dois eixos interpretativos, contemplando a memória e a formação histórica da comunidade, bem como a oralidade nos processos de produção e transmissão de conhecimentos. O pertencimento da pesquisadora ao território foi considerado como dimensão reflexiva da investigação, em aproximação com Evaristo (2005), preservando a distinção entre experiências pessoais e evidências documentais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender a História Local da Comunidade Quilombola do Pau Ferrado exige considerar as relações entre memória, oralidade, território e produção de conhecimentos. Na perspectiva de Fonseca (2003), o estudo da realidade local possibilita reconhecer experiências históricas frequentemente pouco contempladas nas narrativas oficiais. Nesse percurso, Bosi (2023) destaca a função social das pessoas mais velhas na preservação das experiências coletivas, identificando entre suas atribuições "[...] ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade" (Bosi, 2023, p. 66). Suas lembranças constituem referências importantes para compreender trajetórias familiares, vínculos comunitários e conhecimentos transmitidos entre gerações.

A memória, entretanto, não corresponde à reprodução intacta do passado. Portelli (1997) reconhece que as fontes orais possuem características próprias, revelando não apenas acontecimentos, mas os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências narradas. Nessa perspectiva, os silêncios, as escolhas narrativas e as diferentes formas de recordar também

participam da construção histórica. Para o estudo do Pau Ferrado, essa abordagem permite compreender as narrativas familiares como interpretações relacionadas ao pertencimento e à identidade quilombola.

A compreensão do quilombo como experiência de continuidade histórica encontra sustentação em Beatriz Nascimento (2021), que questiona interpretações restritas ao período escravista. Ao analisar as transformações das organizações negras após a abolição, a historiadora afirma que "o quilombo, embora transformado, perdura" (Nascimento, 2021, p. 136). Essa reflexão contribui para reconhecer que a trajetória do Pau Ferrado antecede sua certificação pela Fundação Cultural Palmares, em 2005. O reconhecimento institucional representa um marco jurídico importante, mas não inaugura os vínculos históricos, culturais e territoriais que sustentam a identidade comunitária.

O território também constitui uma dimensão fundamental da produção de conhecimentos. Antônio Bispo dos Santos (2015, 2023) permite compreendê-lo como espaço de existência, ancestralidade e construção coletiva da vida, contrapondo-se às concepções coloniais que desqualificam os saberes dos povos tradicionais. Ao recordar as experiências quilombolas, o autor afirma que "No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos" (Santos, 2023, p. 13). Essa dimensão coletiva da oralidade ultrapassa a contação de histórias, alcançando os conhecimentos relacionados ao cultivo, à alimentação, às práticas de cuidado e às manifestações culturais, transmitidos pela convivência e pela participação nas atividades comunitárias.

As contribuições de Givânia Maria da Silva (2012) aproximam essa discussão das relações entre educação, identidade e organização quilombola. Ao investigar a experiência de Conceição das Crioulas, a autora evidencia a importância das trajetórias coletivas na construção de processos educativos vinculados ao território. Em perspectiva semelhante, Gomes (2019) reconhece o Movimento Negro como sujeito político e produtor de saberes, demonstrando que as experiências de resistência também constituem processos educativos. Essas reflexões ampliam a compreensão da produção do conhecimento para além das instituições acadêmicas, permitindo reconhecer os moradores do Pau Ferrado como sujeitos que interpretam sua trajetória e elaboram conhecimentos a partir das experiências vividas.

Entretanto, o reconhecimento desses sujeitos exige problematizar os processos históricos de deslegitimação intelectual. Ao discutir o dispositivo de racialidade, Carneiro (2023) evidencia como as hierarquias raciais atingem também a autoridade atribuída aos conhecimentos produzidos por pessoas negras. Conforme observa a autora,

> Os ativistas negros, com honrosas exceções, são tratados pelos especialistas da questão racial como fontes de saber, mas não autoridades sobre o tema. Os pesquisadores negros também sofrem essa redução à condição de fonte e não são considerados interlocutores no diálogo acadêmico. Isso, quando não são aprisionados ao tema exclusivo do negro (Carneiro, 2023, p. 48).

A crítica de Carneiro aproxima-se da discussão sobre o epistemicídio, permitindo questionar perspectivas que reconhecem os sujeitos quilombolas apenas como informantes, enquanto reservam exclusivamente à escrita acadêmica a legitimidade para interpretar suas histórias. No Pau Ferrado, essa reflexão sustenta a importância de reconhecer os moradores como participantes da produção de conhecimentos históricos sobre suas próprias experiências.

A escrevivência de Conceição Evaristo (2005) acrescenta outra dimensão à investigação ao relacionar experiência, memória e escrita na produção intelectual de mulheres negras. Sua contribuição permite refletir sobre o lugar de uma pesquisadora quilombola que investiga o território ao qual pertence, reconhecendo que suas vivências participam das escolhas investigativas sem dispensar o rigor metodológico. Desse modo, as contribuições teóricas mobilizadas permitem compreender a História Local do Pau Ferrado como uma construção articulada às memórias, às práticas culturais e aos conhecimentos de seus sujeitos, deslocando o olhar de uma história produzida exclusivamente sobre a comunidade para uma história construída também a partir de suas interpretações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cotejo entre as fontes bibliográficas e documentais permitiu identificar relações entre memória, formação histórica e produção de conhecimentos na Comunidade Quilombola do Pau Ferrado. A análise foi organizada em dois eixos interpretativos, considerando as narrativas anteriormente registradas, os documentos de reconhecimento institucional e os saberes construídos nas experiências comunitárias.

Memória e formação histórica da comunidade

A reconstrução da história do Pau Ferrado encontra nas memórias de seus moradores referências que ultrapassam os registros oficiais. A dissertação de Silva (2020) documenta a participação de sujeitos quilombolas na recuperação de narrativas sobre a origem da comunidade, inicialmente mobilizadas por uma pesquisa escolar que posteriormente contribuiu para seu reconhecimento institucional.

O depoimento da autora deste artigo, concedido anteriormente à pesquisadora Maria Iveni de Lima Silva e registrado em sua dissertação (Silva, 2020, p. 149), revela a importância da escuta das pessoas mais velhas na reconstrução da história comunitária. Na ocasião, a entrevistada recordou que "ao longo da pesquisa fomos conversando com as pessoas mais velhas, tentando montar a nossa história que até então não conhecíamos". A narrativa evidencia a participação dos próprios moradores na recuperação de suas memórias e na elaboração de interpretações sobre suas origens. A condição da autora, participante daquela experiência e pesquisadora no presente estudo, permite refletir sobre essa trajetória, preservando a distinção entre a vivência narrada e sua análise histórica.

Entretanto, esse percurso também revelou experiências marcadas pelo silêncio. Ao recordar as dificuldades encontradas durante o levantamento histórico, a mesma entrevistada afirma que, embora algumas pessoas conhecessem suas relações de descendência com sujeitos escravizados, "era como se existisse um pacto de não falar sobre isso" (Silva, 2020, p. 167). Em diálogo com Portelli (1997), compreende-se que os silêncios também participam da construção das narrativas históricas. No Pau Ferrado, o relato sugere possíveis relações entre o silenciamento da ancestralidade e as experiências de discriminação racial, embora não permita generalizar suas motivações para toda a comunidade.

As narrativas sobre a origem do nome Pau Ferrado também expressam vínculos entre memória e território. Segundo depoimento de Sérgio, registrado por Silva (2020, p. 167-168), os mais velhos relacionavam a denominação da localidade à existência de uma árvore na qual teria sido encontrado um ferro utilizado para prender pessoas escravizadas. Embora essa versão não constitua comprovação documental dos acontecimentos narrados, revela os significados atribuídos à escravização na memória comunitária. O território aparece, assim, como lugar de referências históricas transmitidas entre gerações.

O reconhecimento institucional integra outro momento dessa trajetória. A Certidão de Autorreconhecimento, emitida pela Fundação Cultural Palmares em 8 de março de 2005, formalizou a condição quilombola da comunidade. Posteriormente, a Certidão nº 12/2013, expedida pelo INCRA, registrou a existência do processo administrativo relacionado ao reconhecimento e à demarcação territorial, ainda sem titulação coletiva concluída. O cotejo desses documentos com as narrativas comunitárias evidencia que a identidade quilombola antecede sua certificação. Essa interpretação aproxima-se de Beatriz Nascimento (2021), ao reconhecer a continuidade histórica dos quilombos para além dos marcos jurídicos. Desse modo, a formação do Pau Ferrado não pode ser compreendida exclusivamente por seus registros

institucionais, mas pelas experiências coletivas que sustentam os vínculos de pertencimento ao território.

Oralidade, produção e transmissão de conhecimentos

Os registros analisados também revelam conhecimentos associados às práticas religiosas, à agricultura familiar, aos cuidados tradicionais e às manifestações culturais. Na pesquisa de Silva (2020), essas experiências aparecem vinculadas à convivência comunitária, demonstrando que a produção e a transmissão de saberes ultrapassam os espaços formais de aprendizagem.

Entre as manifestações documentadas, destaca-se a festa de São Sebastião, cuja origem é associada, nas narrativas comunitárias, a uma promessa realizada diante da ameaça de uma doença que atingia localidades vizinhas (Silva, 2020, p. 169-171). A festividade passou a integrar as experiências religiosas e culturais do território. O depoimento de Zilma, registrado por Silva (2020, p. 171), destaca o retorno de pessoas que residem fora da comunidade durante as celebrações, evidenciando a importância desses encontros na renovação dos vínculos familiares e do pertencimento quilombola.

As práticas tradicionais de cuidado constituem outra dimensão desses conhecimentos. Silva (2020, p. 171-173) documentou relatos sobre o uso de plantas medicinais, a atuação de parteiras, as rezas e os cuidados destinados a pessoas e animais. A transmissão desses saberes ocorria principalmente pela observação, participação e convivência. De modo semelhante, os depoimentos sobre a agricultura familiar relacionam o cultivo da terra às experiências de subsistência e às estratégias desenvolvidas para enfrentar períodos de escassez alimentar (Silva, 2020, p. 176). Em diálogo com Antônio Bispo dos Santos (2015, 2023), essas práticas permitem compreender o território como espaço de produção de conhecimentos vinculados às necessidades da vida comunitária.

As manifestações culturais também expressam relações entre memória e ancestralidade. Entre elas, a mazurca aparece nas narrativas registradas por Silva (2020, p. 173-174), associada às lembranças das pessoas mais velhas e às experiências de liberdade. Um dos relatos relaciona a dança à comemoração da alforria de uma mulher que teria vivido na comunidade. Embora não seja possível comprovar documentalmente essa origem, a narrativa revela os significados históricos atribuídos à manifestação cultural. A dissertação também registra preocupações, naquele período, com a diminuição da participação das gerações mais jovens em práticas como

a mazurca, o reisado e os bacamarteiros, evidenciando que sua transmissão depende das relações e das oportunidades de participação comunitária.

Essas experiências permitem compreender a oralidade para além da contação de histórias, reconhecendo sua presença na aprendizagem de práticas, na circulação de conhecimentos e na construção de pertencimentos. Tal compreensão aproxima-se de Gomes (2019), ao reconhecer a população negra como produtora de saberes, enquanto a crítica de Carneiro (2023) contribui para questionar perspectivas que reduzem os sujeitos quilombolas à condição de informantes. No Pau Ferrado, os moradores não apenas preservam referências do passado, mas elaboram interpretações sobre suas experiências e participam da produção de conhecimentos históricos.

Os resultados evidenciam, portanto, que memória, território e oralidade constituem dimensões articuladas da História Local do Pau Ferrado. O reconhecimento institucional integra uma trajetória anterior à certificação, enquanto as narrativas e práticas comunitárias revelam diferentes formas de preservar e interpretar experiências coletivas. Considerando a natureza documental da investigação, essas interpretações estão delimitadas aos registros analisados, não permitindo estabelecer a situação atual de todas as manifestações mencionadas. Ainda assim, as fontes demonstram a importância de reconhecer os sujeitos quilombolas como participantes da construção de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação permitiu compreender que a História Local da Comunidade Quilombola do Pau Ferrado se constitui nas relações entre memória, oralidade, território e conhecimentos construídos coletivamente. As narrativas documentadas por Silva (2020) evidenciam a participação dos moradores na reconstrução da trajetória comunitária, especialmente por meio da escuta das pessoas mais velhas e da recuperação de memórias anteriormente silenciadas. Esse movimento antecedeu o reconhecimento institucional pela Fundação Cultural Palmares, em 2005, demonstrando que a identidade quilombola resulta de experiências históricas e vínculos de pertencimento construídos ao longo de gerações, embora a titulação territorial ainda não tenha sido concluída.

Os registros sobre agricultura familiar, práticas tradicionais de cuidado, religiosidade e manifestações culturais revelam que a produção e a transmissão de conhecimentos ultrapassam os espaços formais de aprendizagem. Essas experiências permitem reconhecer os moradores não apenas como fontes de informação, mas como sujeitos que interpretam o passado e

participam da construção de sua própria história. Tal compreensão contribui para ampliar as perspectivas da História Local, valorizando os saberes produzidos no território sem estabelecer oposição entre conhecimento acadêmico e experiências comunitárias.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental, as interpretações permanecem delimitadas às fontes analisadas, não permitindo estabelecer a situação atual de todas as práticas mencionadas. Ainda assim, o estudo evidencia a importância de reconhecer os sujeitos quilombolas como produtores de conhecimento histórico. Compreender a trajetória do Pau Ferrado a partir das memórias de seus moradores significa reconhecer que a comunidade não é apenas objeto de registro histórico. Seus sujeitos interpretam o passado e fazem sua história permanecer viva entre gerações.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certidão de autorreconhecimento da Comunidade de Pau Ferrado**. Processo nº 01420.000390/2005-52. Brasília, DF, 8 mar. 2005.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Certidão INCRA/SR-03/G/PE nº 12/2013**. Recife, 26 set. 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária/UFPB, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. E-book.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, Maria Iveni de Lima. **A prática docente em escolas quilombolas no município de Lagoa dos Gatos: uma análise a partir do pensamento decolonial**. 2020. 253 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, 2020.